

TWITTER E RELAÇÕES DE PODER: UM ESTUDO SOBRE TEXTOS NAS CONTAS DA UFS, DA UFRJ E DA USP¹

Rita de Cássia Silva Santos²

RESUMO: Apresento, neste artigo, proposta de observar relações de poder que perpassam os *microblogs* a partir da constituição de discursos de instituições de ensino superior para assim compreender como estruturas sociais e estruturas discursivas se relacionam na produção de um discurso que dita a premência por visibilidade e por liberdade de expressão irrestrita. Tomo como objeto de trabalho as páginas iniciais do *Twitter* da Universidade Federal de Sergipe (UFS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade de São Paulo (USP). Parto da observação simples aliada a conceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD) na visão sociocognitiva defendida por van Dijk (1995, 2008 entre outros) a fim de interpretar *corpus* composto por 36 postagens. Os resultados confirmam a hipótese de que a comunicação mediada por computador, desenvolvida no *Twitter*, é composta por estruturas discursivas responsáveis pela automatização de um discurso que prega a visibilidade e a liberdade de expressão incontestes. Tal discurso contribui para a naturalização de procedimentos que alimentam relações de poder verticalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: *Twitter*; visibilidade; poder.

ABSTRACT: I present in this paper a proposal to observe power relations that permeate the microblogs based on the constitution of discourses of higher education institutions to thereby understand how social structures and discursive structures are related to the production of a discourse that dictates the urgency for visibility and unrestricted freedom of expression. I take as object of work Twitter initial pages of Federal University of Sergipe (UFS), Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and the University of São Paulo (USP). I take the simple observation combined with concepts of Critical Discourse Analysis (CDA) in sociocognitive view defended by van Dijk (1995, 2008 among others) in order to interpret corpus composed of 36 posts. The results confirm the hypothesis that computer-mediated communication, developed on Twitter, consists of discursive structures responsible for the automation of a discourse that preaches undeniable visibility and freedom of expression. Such discourse contributes to the naturalization of procedures that corroborate verticalized power relations.

KEYWORDS: Twitter; visibility; power.

¹ Este texto é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada *Visibilidade e poder: um estudo sobre textos nas contas do Twitter* da UFS, da UFRJ e da USP.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: decassia70@gmail.com.

1. Introdução

A contemporaneidade se apresenta como um momento em reconfiguração sob vários aspectos. Descobertas tecnológicas, sobretudo aquelas ligadas à área de novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), por se processarem numa grande velocidade, interferem em nossas percepções relativas ao tempo e ao espaço e em nossas relações interpessoais de modo a ressignificar noções de público e privado. Mesmo nosso conceito de identidade tem sido afetado. A inserção da tecnologia em nosso cotidiano tem atingido níveis que já nos induzem a considerar seus aparatos como elementares, indispensáveis aos afazeres diários.

A mídia virtual colabora para a introjeção de um modelo mental valorativo da conectividade. Estar *online*, fazer parte de redes sociais, manter *blogs* e *microblogs* se apresentam como ações corriqueiras. A mídia tradicional incorpora e contextualiza o vocabulário da internet. A economia se vale da rapidez das mudanças para promover a descartabilidade. Em contraponto, no domínio ambientalista, se exalta a sustentabilidade. O próprio domínio educacional, mais lento em suas transformações, não ficou imune a essas novidades; observa-se a readaptação de metodologias, a reconfiguração de gêneros textuais; a tentativa de letramento digital entre outras ações.

Esse contexto, em que estar em rede é primordial, justifica o interesse acadêmico no desenvolvimento de pesquisas que esmiúcem aspectos do domínio da mídia virtual. Nosso estudo se filia a essa proposta na busca de entendimento para as relações de poder que perpassam os *microblogs*, gêneros constituídos no ambiente digital. Tomamos, então, como objeto de trabalho o perfil do *Twitter* de três universidades públicas nacionais: as federais de Sergipe (UFS) e do Rio de Janeiro (UFRJ) e a estadual de São Paulo (USP).

Organizamos este artigo em seis seções seguidas de considerações finais. Nas duas primeiras, discorremos sobre as especificidades da linha teórica adotada para embasar o estudo – a Análise crítica do discurso na vertente cognitiva de van Dijk. Nas terceira e quarta seções, tratamos da descrição de aspectos metodológicos e da constituição do corpus; na seção seguinte, traçamos um breve perfil das universidades pesquisadas para então chegar à análise dos dados.

2. A vertente de van Dijk da ACD

De caráter transdisciplinar, a ACD intenta uma investigação analítico-discursiva sobre estruturas de poder e controle que manifestamente baseiem e legitimem modos de desigualdade social expressos pelo uso da linguagem. Os métodos utilizados para análise tanto podem ter cunho qualitativo quanto quantitativo, podem partir da observação ou da descrição. Em outras palavras, a abordagem deve adequar-se ao objeto de investigação, aos dados coletados, ao contexto de pesquisa, enfim; sem desconsiderar que pesquisas em ACD buscam “contribuir para a apoderação social de grupos dominados” (VAN DIJK, 2008b, p.13).

Os estudos em ACD envolvem a concepção de linguagem e de discurso enquanto práticas sociais inseridas na estrutura social e situadas histórica e espacialmente. Discurso e sociedade se relacionam; influenciam e sofrem influência mutuamente. Os estudos discursivos de problemas sociais em ACD assumem, dessa forma, uma postura crítica e socialmente comprometida, capaz de colaborar para a desnaturalização de discursos tornados em senso comum e que contribuem para a reprodução de interesses dos grupos dominantes.

A especificidade da linha teórica trilhada por van Dijk está em seu caráter sociocognitivo. Em seu esquema teórico, além das dimensões histórica e cultural, é preciso fundamentar as pesquisas no “triângulo discurso-cognição-sociedade” (VAN DIJK, 2008b, p.26) sem os quais qualquer estudo em ACD se revelaria insuficiente. Para o pesquisador, o controle social é aplicável não só ao discurso enquanto prática social, mas também às mentes das pessoas que são controladas quando são influenciados modelos mentais responsáveis por seus conhecimentos, suas crenças, suas opiniões, suas atitudes, seus valores, suas ideologias, ou seja, quando geram mudanças de mentalidade. Trata-se de um controle indireto que, no entanto, atinge as ações dos indivíduos, sejam elas discursivas ou não. Van Dijk vê a cognição, seja ela pessoal ou social, como mediadora entre as situações sociais e o discurso.

Processos de influência discursiva sobre a mente podem tomar a forma de aprendizagem, de manipulação, de persuasão ou de doutrinação a fim de atender à reprodução dos interesses do poder dominante sem a mínima necessidade de qualquer ato coercitivo (característica, a propósito, que serve plenamente a interesses de dominação contemporâneos em que paira, respaldada

pelos avanços tecnológicos, uma constante e crescente ilusão de plenitude quanto a ideais de liberdade irrestrita de expressão, bem como quanto à diversidade de informação). Tais processos, cruciais para o controle dos modelos mentais, materializam-se em discursos balizados por fontes autorizadas; na obrigatoriedade na recepção de um discurso; na ausência de fontes alternativas de informações ou, ainda, na carência pessoal de crenças ou conhecimentos necessários ao questionamento de determinado fato.

No tocante ao controle, que, para o autor, define poder social, é a partir da influência a modelos mentais das pessoas que se pode controlar suas ações, tudo isso mediado pelo discurso. Assim sendo, o acesso a formas específicas de discurso constitui-se um recurso de poder: aquele capaz de controlar discursos passíveis de exercer maior influência controla representações mentais e ações dos outros. Vale frisar que esse possível controle mental não é um processo direto nem necessariamente aceito de modo passivo. Ao indivíduo cabe confrontar discursos com seus próprios conhecimentos, opiniões e crenças a fim de estabelecer parâmetros que não firam seus princípios. Dito de outro modo, um senso crítico fortalecido alerta para naturalizações que findam por legitimar discursos dominantes e hegemônicos. Para van Dijk (2008a, p.119, grifos do autor), uma vez definido discurso “em termos de eventos comunicativos complexos, o acesso e o controle podem ser definidos tanto pelo *contexto* quanto pelas *próprias estruturas dos textos orais e escritos*”, o que interfere nas decisões de quais gêneros utilizar em determinadas ocasiões. O autor enfatiza, no entanto, que textos, sejam orais ou escritos, nem sempre são representativos das relações globais de poder, cabe ao contexto papel decisivo nessas relações de modo a reforçá-las ou colaborar em sua transformação (idem, p. 121).

Na próxima seção discorreremos sobre o conceito de modelo mental.

3. O conceito de modelo mental

Segundo van Dijk (1995, p.394. destaque do autor), o modelo é “um construto na memória episódica³ que representa o evento ou situação **sobre** o qual

³ As definições assumidas por van Dijk de representação e processos cognitivos partem da concepção de memória. Estudos cognitivos distinguem entre memória de curto termo (MCT) e memória de longo termo (MLT). A MCT processa informações armazenadas na MLT. Esta última comporta a memória episódica, que armazena experiências pessoais resultantes da

é o texto”⁴. Os modelos, dessa forma, constituem a base cognitiva para o discurso e para a interação interpessoal. Presume-se que falantes/escreventes partem de modelos mentais pessoais de um evento ou de uma situação na produção discursiva. Uma vez constituído um modelo pessoal de um evento ou situação, falantes/escreventes podem expressar no discurso fragmentos desses modelos dependendo de necessidades contextuais, usando, para tal, estratégias linguísticas e discursivas. Esse procedimento é efetivo também no que concerne à compreensão.

Modelos podem também funcionar como base referencial para o discurso de modo a colaborar para a definição da coerência local e global (VAN DIJK, 1995, 2008c). Conquanto sejam a interpretação pessoal, representativos do conhecimento e da opinião individual, podem incorporar informações sociais e, assim, instituir papel central na relação entre o social e o individual para compartilhar conhecimento. Relações entre as crenças partilhadas que se encontram na memória semântica, chamada por van Dijk (2008c) de memória social, e as crenças e percepções pessoais que formam modelos na memória episódica constituem as representações pessoais e sociais que, por sua vez, estabelecem relações com as estruturas discursivas.

Atitudes, ideologias, normas e valores são partilhados, assim como o conhecimento - entendido na teoria dijkiana como “estrutura mental organizada de crenças factuais compartilhadas de um grupo ou cultura, que são ou podem ser ‘verificadas’ pelos critérios de verdade (historicamente variável) daquele grupo ou cultura” (IDEM, p.203, destaque do autor). O autor salienta o caráter objetivo do conhecimento em contraposição à subjetividade com que as atitudes são vistas culturalmente.

Van Dijk presume que a base de constituição da memória social (semântica) forma-se a partir de uma base comum de crenças socioculturais partilhadas que definem o que é senso comum, o que é tido como dado. Essa base comum é responsável pela adequada interação comunicativa. As crenças de uma base comum são historicamente flexíveis; podem sofrer transformações de acordo

compreensão em MCT, e a memória semântica, que responde por informações gerais, abstratas e socialmente partilhadas. Van Dijk (2008c, p.202) denomina a memória semântica de “memória social”.

⁴ Tradução nossa para “a construct in episodic memory that represents the event or situation a text is *about*.”

com os interesses de cada grupo social, de modo a haver imbricações entre crenças de diferentes grupos ao longo do tempo ou alteração no status valorativo atribuído socialmente a crenças específicas, fazendo o que antes era visto como global passar a fazer parte de um nicho social.

Uma vez que as pessoas não aplicam todos os modelos armazenados, mas apenas aquele relevante em determinada situação, em determinado evento, faz-se necessário algum conhecimento sobre a situação comunicativa vigente - como, por exemplo, crenças presumidas de seus interlocutores, o tipo de evento, a ocasião e o ambiente em que se dá - para que haja uma adequação entre a situação social e as informações dos modelos introjetados. Dito de outro modo, torna-se necessária uma contextualização uma vez que, como é sabido, o discurso impõe coerções, não se pode falar e escrever sem que haja um certo controle, certa limitação demarcada pelo contexto, conceito caro à ACD; na medida em que influencia determinadamente o discurso, precisa ser controlado para que o discurso também o seja.

Van Dijk (1995, 2008c) estabelece uma distinção entre modelos de evento⁵ e modelos de contexto. Os primeiros respondem por situações e eventos específicos e os segundos detêm-se na construção de modelos mentais concernentes às especificidades dos contextos sociais.

Com a mediação dos modelos de contexto, controla-se o que é dito/escrito, mas também, e mais significativamente, como é dito/escrito. Tais modelos, então, formam a base de propriedades pragmáticas e estilísticas que o discurso adquire; controlam a estrutura discursiva na medida em que regulam significados através de formulações específicas de estruturas sintáticas, léxico, questões fonológicas entre outros. São de fundamental importância para a produção e compreensão de estruturas do discurso: é pela adequada interpretação da situação social que eventos comunicativos, como a escritura em *blogs* e *microblogs*, por exemplo, ocorrem devidamente. Contudo, antes de adentrarmos no estudo dos textos, teceremos algumas considerações sobre metodologia e constituição do *corpus*.

⁵ Os *modelos de evento* foram originalmente denominados *modelos de situação* por van Dijk e Kintsch em seu trabalho de 1983 *Strategies of discourse comprehension*. (VAN DIJK, 2008c)

4. Aspectos metodológicos

Pela variedade de enfoques adotados, os estudos em Análise Crítica do Discurso não permitem uma unicidade quanto aos procedimentos metodológicos; os modos para obtenção de dados não são específicos; os métodos usados para aliar o enquadramento teórico e a observação vão depender do direcionamento tomado pelas investigações. Meyer (2001, p18) enfatiza a importância da mediação entre a teoria adotada e instâncias concretas de interação social.

O autor apresenta uma pequena lista de perspectivas passíveis de orientar trabalhos em ACD, a saber: epistemologia; teorias sociais gerais que relacionam fenômenos micro e macrosociológicos a partir das relações entre estrutura social e ação social; teorias de médio alcance (*middle-range theories*) que focalizam tanto fenômenos sociais específicos como subsistemas sociais determinados; teorias microsociológicas que lidam com interação social; teorias sociopsicológicas que, a partir de explicações causais, focam emoção e cognição; teorias do discurso e teorias linguísticas (MEYER, 2001, p. 19-20).

Nossa pesquisa é orientada pela abordagem sociocognitiva de Teun van Dijk da qual selecionamos o conceito de modelo mental vinculado aos conceitos basilares em ACD de ideologia e poder. Com esses instrumentos, intentamos desvelar as relações entre as crenças partilhadas – as representações sociais em instituições de ensino sobre liberdade de expressão ilimitada – e as crenças pessoais que se constituem por modelos e se entremeiam às estruturas discursivas, na certeza de que esmiuçar essas relações é de extrema relevância para descaracterizar o “senso comum” que induz à automatização de noções de liberdade irrestrita no discurso educacional propagado em *microblogs*.

4.1 A constituição do corpus

Adotamos uma abordagem qualitativa de observação simples, descrição e interpretação dos dados componentes do *corpus* coletado para esta pesquisa constituído por postagens colhidas no *Twitter* no período compreendido entre abril e julho de 2011 das quais 36 foram selecionadas para análise. Foram observadas as páginas de três universidades públicas: a federal de Sergipe (UFS), a federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade de São Paulo (USP); as duas últimas por se tratarem de entidades de grande porte, de expressão significativa no meio acadêmico e alto grau de visibilidade e a primeira – além de ser a instituição a que

estamos vinculadas – por ser uma universidade pequena, estar em região diversa das outras duas e possuir características locais diferentes de maneira a funcionar como parâmetro de comparação.

A observação dos *microblogs* foi feita semanalmente por quatro meses (de abril a julho), escolhidos em função do período letivo. Como as páginas não eram necessariamente alimentadas diariamente pelas instituições, houve semanas em que os *posts* coletados se repetiram, assim sendo, não procedemos a uma quantificação sistemática de todos os *tweets* recolhidos que perfizeram um total de 960 postagens, 240 de cada instituição. Esse número deve-se às limitações do aplicativo utilizado na coleta, o *FireShot*⁶, que permitia salvar apenas 20 *posts* por vez. Em decorrência disso, selecionamos uma amostra intencional com base na relevância para a pesquisa de 12 postagens de cada universidade num total de 36. A quantificação e a seleção se apresentaram em nosso trabalho sempre que se mostraram significativas para o procedimento interpretativo, determinante nos estudos em ACD.

Os *tweets* (T) escolhidos foram identificados numericamente (T1, T2,...), do mais recente para o mais antigo; os *retweets* (RT) e as respostas (R) seguem o mesmo princípio (RT1, RT2,...). As páginas observadas foram as da Assessoria de comunicação da UFS (@AscomUFS), o twitter extra-oficial da UFRJ (@UFRJ) e @usponline, da Universidade de São Paulo.

Guiada pelas noções de modelo mental e representação mental, a interpretação é desenvolvida observando elementos da macroestrutura semântica como tópico; elementos da composição genérica constitutiva do *microblog* como *links* e *retweets*; além de observar o estilo característico do texto informativo. Precede a análise dos dados, a caracterização das instituições de ensino superior no próximo segmento.

⁶ Trata-se de uma extensão para navegadores de internet que permite capturar não apenas a área da página visível na tela, mas também uma parte selecionada ou mesmo a página inteira. O complemento possibilita ao usuário salvar, editar e/ou imprimir o material coletado. Usamos nesta pesquisa a versão gratuita, entretanto, há uma versão paga denominada *FireShot Pro*, que agrega mais funcionalidades. O endereço para *download* é <http://screenshot-program.com/fireshot/>

4.2 Perfil das universidades

Buscamos aqui traçar um breve perfil dos estabelecimentos de ensino e de suas páginas iniciais no *Twitter*. As informações foram coletadas *online* nos portais das instituições. Selecionamos dados numéricos referentes ao início do mês de junho de 2012, necessários à visualização do porte das universidades, para, desse modo, estabelecer relações entre quantidade de seguidores e processos de interação.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi criada em 15 de maio de 1968. Está presente em 5 campi de ensino presencial e em 15 polos de Educação a Distância. Para o último vestibular, em dezembro de 2011, foram ofertadas 5.490 vagas em 106 opções de cursos presenciais e 2.600 através da EAD. No segundo semestre de 2011, 22.637 estudantes estavam matriculados em cursos presenciais e outros 6.478 nos cursos de EAD. O quadro de pessoal da UFS conta com 1.310 professores, sendo 1.069 do quadro efetivo (60% deles com título de doutorado). Já o quadro de técnico-administrativos é constituído por 1.154 servidores efetivos.

As informações acima foram encontradas facilmente no portal da universidade em que há também um link para o perfil no *Twitter*. A quantidade de *tweets* e seguidores muda constantemente, sua apresentação aqui tenciona estabelecer uma equiparação entre o porte das universidades e sua visibilidade no *microblog*. A instituição, no início do mês de junho de 2012, contava com 3.859 seguidores, seguia 37 e contabilizava um total de 1.398 *posts*. Conquanto, as postagens sejam frequentes, não são necessariamente diárias. Também não são produzidas em grande número e dirigem-se prioritariamente ao corpo discente com quem não há número significativo de conversas.

A Universidade de São Paulo (USP) é uma instituição pública, mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Criada em 1934, possui 10 campi. Em 2011, foram matriculados 88.962 alunos, 57.300 somente na graduação. Foram 10.622 vagas distribuídas em 240 cursos para o último vestibular. O corpo docente é composto por 5.865 membros dos quais 98,65% com título de doutor. 16.187 servidores compõem o quadro de técnico-administrativos.

Como no caso anterior, as informações sobre a instituição foram encontradas em seu portal oficial. Maior das três universidades analisadas, a USP contava, quando da finalização desta pesquisa em junho, com 41.412 seguidores;

seguia 48 e produziu 8.998 postagens. Seus *tweets*, embora em maior quantidade que os da UFS, também não são obrigatoriamente diários; direcionam-se majoritariamente aos alunos e as interações são poucas.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia 7 de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Em 1937, passou a se chamar Universidade do Brasil e desde 1965 tem a atual denominação.

Seu portal mostrou-se o menos atualizado dos três. Ao clicar no *link* que deveria conduzir aos dados numéricos da universidade, encontramos a mensagem informando que a página estava em construção. Como a página oficial do *Twitter* da UFRJ passa longos períodos sem atualização, usamos para estudo a página extraoficial mantida colaborativamente por estudantes e funcionários. Seu perfil em junho era composto por 8.905 seguidores; seguia 2.629 e contava com 1.378 *tweets*.

4.3 Análise dos dados

Iniciamos nossas observações pela relação entre comunidade acadêmica (docentes, discentes e funcionários) e seguidores do *microblog Twitter* de cada instituição. Ainda que não possamos aqui, devido às limitações desta pesquisa, quantificar cada tipo de membros das páginas a fim de identificar comunidade interna e comunidade externa, podemos verificar uma correspondência relativamente boa entre os números da USP – 37,30% da comunidade segue seu *Twitter*. Na UFS, a correlação fica em apenas 12,31%; merece destaque, entretanto, o fluxo crescente de seguidores que passou de 2.439 em abril de 2011 (figura 7) para 3.859 no início de junho de 2012. Apesar do número considerável de seguidores de @usponline e do crescimento dos que acompanham a @AscomUFS, a interação não se efetiva; raros são os contatos com interlocutores expressos em *retweets* e respostas (dois nos *posts* da USP, 3 nos da UFS). O *Twitter* da UFRJ foi o que contou com maior número de *retweets* (oito) e respostas (uma). Uma possível explicação para isso pode estar relacionada ao fato de que a página é alimentada tanto por funcionários quanto por alunos. É importante frisar que não tivemos acesso a dados relativos à comunidade acadêmica da instituição carioca; as páginas do *site* encontram-se em manutenção e os *emails* para contato, nelas fornecidos, encontram-se desativados; tentativas de contato através do *Twitter* não obtiveram retorno.

Os textos são prioritariamente dirigidos aos universitários, há poucas menções diretas a professores e servidores ou mesmo à comunidade externa como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 1 – demonstrativo do direcionamento dos tweets.

	UFS	USP	UFRJ
Discentes	5	9	7
Docentes	1	1	1
Servidores	1	-	-
Comunidade externa	2	2	-
Geral	3	-	4

As postagens contabilizadas na categoria “geral” referem-se aos posts que são direcionados tanto à comunidade acadêmica – alunos, professores e servidores – quanto à comunidade externa. Estudo de Pereira (2011, p.97) sobre redes sociais como estratégia de comunicação no Instituto Federal de Santa Catarina coloca o *Twitter* em 9º lugar entre os servidores (4º lugar geral). Pereira atribui tal resultado ao baixo incentivo formal para o uso dessa mídia e à resistência dos funcionários da Universidade quanto ao uso do *Twitter*, *Facebook* e outras redes. No que se restringe às entidades aqui analisadas, o diminuto número de postagens direcionadas especificamente a servidores justifica, de certa forma, o pouco interesse por parte dessa categoria.

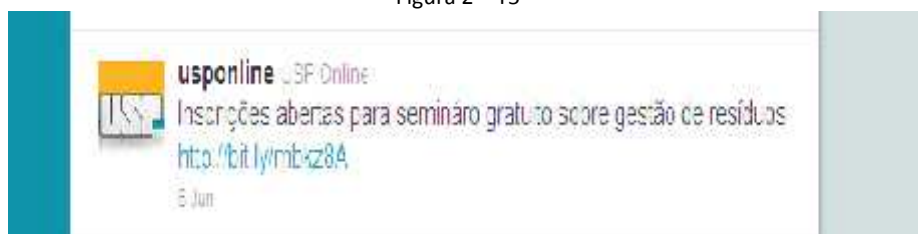
Modelos de evento e de contexto têm a função de definir os tópicos presentes na estrutura discursiva. A seleção dos tópicos em gêneros textuais como os *microblogs* tende para uma auto-apresentação positiva nos termos de Goffman (2002). Em sua grande maioria, os tópicos das postagens têm cunho informativo; giram em torno da divulgação de eventos, palestras, cursos, prazos para algum tipo de inscrição (vestibular, publicação em revistas entre outros) como em T14, T5 e T6 (Figuras 1,2 e 3). Como consequência dessa restrição na topicalização das postagens, impõe-se um limite à colaboração da comunidade acadêmica. Os tópicos tendem a privilegiar uma autoimagem que ratifica modelos mentais que fazem emergir crenças de Universidades como fontes do saber, direcionadoras da aquisição de conhecimento.

Figura 1 – T14



Fonte – internet.

Figura 2 – T5



Fonte – internet.

Figura 3 – T6

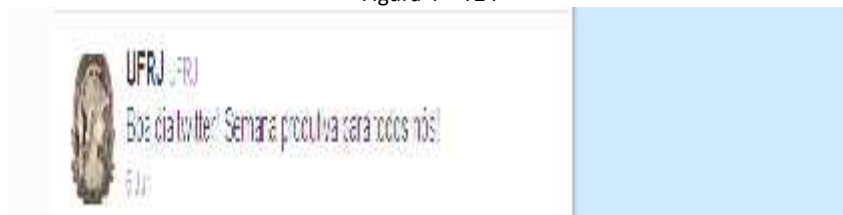


Fonte – internet.

Reduzido número (T24, T15, T25; respectivamente figuras 4, 5 e 6) é representativo de formas de polidez social, trata-se de cumprimentos ou agradecimentos, *posts* indiciativos da preocupação em manter aberto um possível canal de interação. Curioso, entretanto, é notar que formas de tratamento estão em geral ausentes ou são empregadas personificando o serviço – *Twitter* – o que

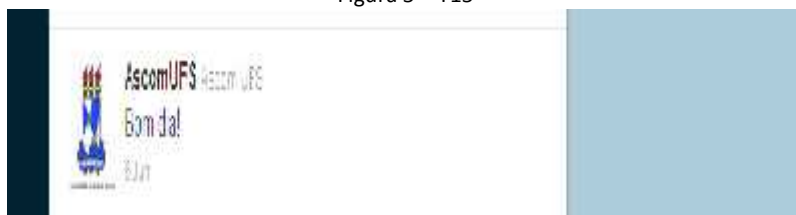
acaba por acentuar o caráter de impessoalidade transmitido pela informação em vez de suscitar a interação interpessoal. No dizer do pesquisador Jair de Oliveira (2001), as instâncias políticas da polidez se reduzem por conta da mediação da máquina no processo comunicativo; para ele o domínio virtual do *Twitter* faz do usuário um transmissor de dados iludido com a sensação de interação pessoal. Sob esse prisma, qualquer manifestação de polidez assume características de simulacro.

Figura 4 – T24



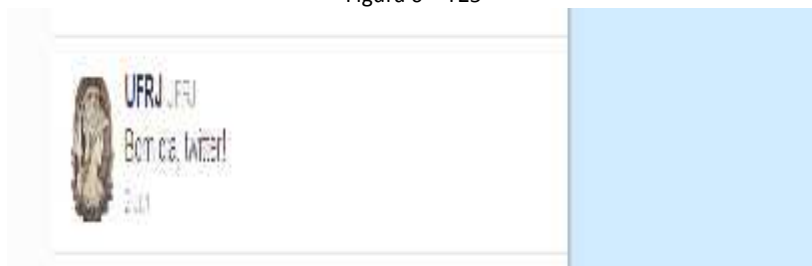
Fonte: Internet

Figura 5 – T15



Fonte: Internet

Figura 6 – T25



Fonte: Internet

Para Alex Primo (2007, p.5), uma rede social só se efetiva mediante a constituição do processo de interação entre os envolvidos, não se pode privilegiar

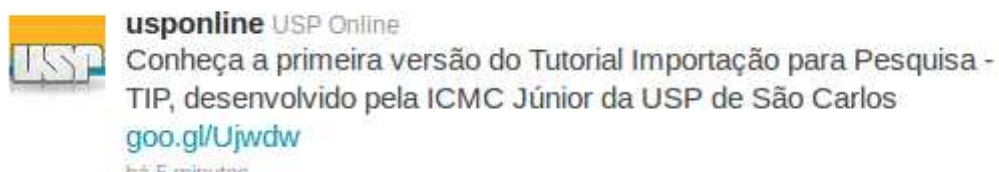
um ou outro elemento nem tampouco basear-se apenas no conteúdo das mensagens ou na conexão entre máquinas que encurta distâncias. O processo interativo para se completar precisa considerar as relações entre os interagentes e estas relações devem se processar de forma igualitária, sem que haja manipulação dos elementos constitutivos do processo por apenas um dos lados. Nas postagens analisadas, quando ocorre uma tentativa de envolver o interlocutor, esse procedimento finda por ratificar a verticalidade do processo (figuras 7 e 8).

Figura 7 – T1 - post de 25 de julho



Fonte: Internet

Figura 8 – T2 – post de 20 de julho



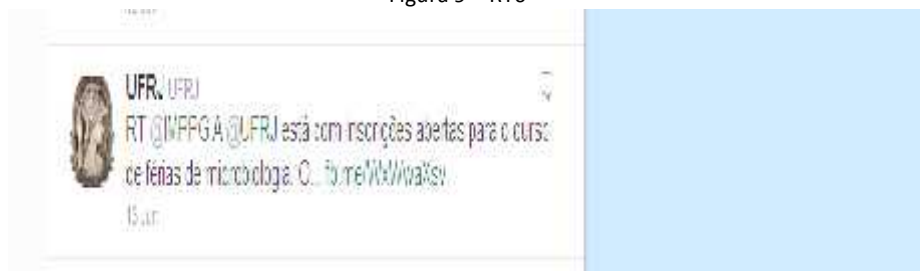
Fonte: Internet

Note-se que a utilização de formas verbais no imperativo anula qualquer possibilidade de aproximação com o outro e colabora para manutenção do poder que a instituição representa a partir do momento em que determina, ordena. Essa determinação representada pelo tempo verbal é, mais uma vez, característica de um procedimento hierarquizado na difusão da informação. A postura das universidades não condiz com a imagem proporcionada pela web de rede com relações ilimitadas, de conectividade absoluta, de ausência total de controle.

É também pequena a quantidade de *tweets* em que se estabelece efetivamente o processo interativo: poucos questionamentos ou colocações por parte dos discentes; poucas mensagens retuitadas tanto pela instituição, quanto

por seus seguidores como em RT6, RT1, R1 (Figuras 9, 10 e 11); dentre 36 posts selecionados, nove consistiam em retuites e quatro e respostas.

Figura 9 – RT6



Fonte – Internet

Figura 10 – RT 1 - 10/05/2011



Fonte – Internet

Figura 11 – R1: Resposta de @usponline



Fonte – Internet

A estrutura das redes sociais comporta vários níveis de fluxo informacional, tende para uma utilização múltipla desses níveis de modo a caminhar para uma relação mais igualitária entre os indivíduos, abandonando a

postura vertical característica de modelos de comunicação de massa (ZAGO, 2011). Nesse tipo de relação, a informação é construída coletivamente; os interagentes são colocados num mesmo plano, com um mesmo nível de controle sobre qual informação divulgar. Dessa forma, lidam com um poder compartilhado, mais propenso a não reprodução de discursos de grupos dominantes por possibilitar certa diversidade de opiniões ou de escolhas. Isso não se dá nos *microblogs* estudados. Mesmo na página da universidade carioca que é construída com a colaboração de alunos, encontra-se uma seleção de conteúdos que denotam relação hierarquizada; as postagens tendem a reforçar uma imagem positiva da instituição na medida em que se limitam a informar sobre eventos. Não encontramos menção a atividades organizadas pelos universitários ou por outros membros da comunidade acadêmica, nem pudemos observar postagens que chamassem atenção para alguma dificuldade na administração dos campi ou qualquer temática que remetesse a questões administrativas problemáticas. O discurso vigente permanece sendo o do grupo dominante ainda que, em tese, haja a possibilidade da voz dos estudantes sobressair. As instituições reproduzem uma relação vertical entre interagentes, não é possível falar em real “liberdade **total** de expressão” uma vez que o controle do que pode e deve ser dito está nas mãos de um.

O pequeno número de *tweets* repassados é outro sinalizador dessa relação verticalizada que reforça os limites quanto à liberdade de expressão. *Retweets* constituem mecanismo impulsor da circulação das informações postadas. Quanto ao termo “circulação”, Zago (2011) posiciona-se:

Ainda que se empregue o termo "difusão de informações" para o estudo das redes sociais, entende-se que se trataria, de fato, de uma circulação de informações, na medida em que ao invés de a informação ser difundida de um único polo irradiador para outros indivíduos (...), a informação percorre caminhos variados, circulando entre os indivíduos e por diferentes níveis midiáticos. [...] Assim, ainda que possa haver influenciadores no processo, trata-se de um movimento multidirecional. (p.33-4; destaque da autora.)

Esse movimento circular das informações que as redes sociais pressupõem não é verificado nem numa universidade de grande porte como a USP com mais de 41.000 seguidores, nem na pequena federal sergipana com seus quase 4.000. Importa frisar que mesmo o *Twitter* da UFRJ conta com reduzido

número de *retweets* o que causa estranheza quando verificamos que os alunos participam da produção. Seria de se esperar que isso facilitasse a interação entre pares ao menos.

De fato, os *microblogs* das instituições de ensino analisados funcionam mais como difusores de informações em vez de colaborarem para sua circulação. Como concentram o poder de difusão da informação não dando ao outro a possibilidade de também ser fonte, impedem, a circulação⁷, pois os usuários, por não se identificarem com o que foi divulgado, tendem a não repassar as informações. Destarte, ficam enfraquecidos laços de interação passíveis de estimular maior liberdade de expressão.

Observa-se a presença de *links* externos⁸ em boa parte das postagens (como exemplifica a figura 12); eles não foram encontrados em apenas nove *posts*. Embora funcionem como recurso para amplificar possibilidades de complementação do conteúdo postado uma vez que a quantidade de caracteres passíveis de serem usados no *microblog* é diminuta, vale destacar sua importância como elementos direcionadores no processo de controle de acesso à informação.

Figura 12 – T7 Exemplo de postagem com *link* externo.



Fonte - Internet

Se considerarmos com Marcuschi (2004, p.31) “que nem todos os indivíduos produzem toda espécie de gêneros textuais, pois esta é uma questão de inserção social e não de decisão individual”, podemos facilmente acatar a posição

⁷ É oportuno ressaltar, conforme Zago (2011), que a utilização do *Twitter* no Brasil tende para seu uso como um *feed* de notícias em que o usuário escolhe que informações captar, divulgar, repassar de acordo com seus interesses. Ora, quando inexistente a possibilidade de escolha compartilhada, diminui a chance de envolvimento, facilitador da propagação da informação.

⁸ A estrutura composicional do gênero *microblog* comporta tanto o uso de *links* internos que direcionam os usuários para outras páginas dentro do ambiente do *Twitter*, como *links* externos que encaminham o internauta para conteúdos fora da plataforma.

dijkeana de que os limites de acesso colaboram para a consolidação das estruturas do poder dominante e que o contexto exerce papel categórico nesse processo. No contexto delimitado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, mais detidamente, pelo universo das redes sociais de que o *Twitter* faz parte, instaurou-se um modelo mental que comporta ideais de liberdade de expressão irrestrita e de grande diversidade de conteúdo. Essa crença é alimentada pela amplitude espacial que o texto pode alcançar, bem como pelas especificidades temporais do meio digital.

Esse discurso, corrente na contemporaneidade, aloca proposições que se repetem e se legitimam; uma vez internalizadas são encaradas como naturais pelo senso comum. Meurer (2007) entende que a noção de naturalização de realidades criadas discursivamente, por vezes, torna veladas as relações entre linguagem e estrutura social. Segundo ele,

A noção de naturalização é associada à de opacidade. Significa que as 'realidades' criadas discursivamente passam a ser percebidas como algo *natural*, imutável, parte de sua própria natureza. Uma vez que determinada perspectiva se torna naturalizada, torna-se 'legítima', subliminar e de difícil desconstrução (MEURER, 2007, p.91. Grifos do autor.).

Não queremos, contudo, corroborar uma visão determinista quanto à cibercultura em que primem o controle, a superficialidade, as imposições de modismos, o isolamento. Ressaltamos seu caráter agregador de valores e interesses diversos e divergentes, sua possibilidade de amplo alcance comunicacional proporcionado pelas novas dimensões temporais e espaciais introduzidas. Frisamos, com Britto (2009, p.188) que a cibercultura tem:

[...] potencialmente traços altamente positivos: democratizantes, de religamento social, de estabelecimento da possibilidade da relação dialógica não presencial, de pluralidade e de trocas culturais frutíferas. Porém, esses potenciais podem ser desenvolvidos e impulsionados ou atrofiados e reduzidos a papéis secundários.

Dito de outro modo, cabe a nós contrapor um modelo mental em formação que naturaliza a ideia de necessidade imperativa por visibilidade através das TIC sem que esse uso esteja aliado a uma visão crítica da cibercultura com seus aparatos tecnológicos, suas redes sociais, sua interferência em nosso cotidiano, na constituição de nossa identidade social e individual.

5. Considerações finais

Práticas languageiras se determinam no exercício do poder. Mesmo nos enunciados em que menos se espera – textos informativos, curtos, quase manchetes ou *feeds* direcionadores de conteúdo – pode-se encontrar exemplo de propagação do discurso de grupos dominantes. Naturalizou-se a ideia de que textos informativos são neutros, dessa forma, quando os lemos, ativamos um modelo mental predisposto a essa neutralidade e armazenamos ou colocamos em circulação informações sem ativar um senso crítico em relação a elas, por vezes mesmo sem fazer qualquer juízo de valor.

Textos que se pretendem neutros produzem um efeito de verdade. Como parecem carecer de um produtor e são produzidos mediante uma escolha lexical que remete a certa cientificidade, não são passíveis de serem questionados. Instaure-se assim um discurso de autoridade balizado por instituições que reverberam o discurso dominante de poder.

A análise dos textos postados no *microblog* Twitter denota que mais do que funcionar como meio de interação entre a instituição de ensino e comunidade acadêmica, os *tweets* respondem a uma imposição da sociedade contemporânea para se estar conectado, independentemente de esta conexão se efetivar ratificada pelo processo de interação. Atender a uma demanda social pelo tecnológico, pela participação em redes sociais torna-se mais premente do que interagir com seus pares. O *microblog* finda por funcionar como um *feed* de notícias, página meramente informativa que, embora de grande utilidade pelo teor de seu conteúdo, não atinge de forma expressiva um bom número de estudantes e/ou de funcionários na medida em que não suscita a interação que seria a fomentadora de uma maior diversidade temática. Deste modo, restringe-se a “possível” liberdade de expressão, limita-se a diversidade de conteúdo, determinado arbitrariamente pelas instâncias superiores sem a colaboração dos usuários. Detentoras do controle sobre o que e quando postar, as instituições de ensino corroboram interesses de instâncias superiores de modo a propagar o discurso dominante e exercer poder na sociedade.

Referências Bibliográficas

- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. V.7, p. 7-33, 2004-5. Disponível em < www.red.unb.br/index.php/les/article/download/1257/911>. Acesso em 27 abril 2011.
- MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: _____; BONINI, Adair. MOTA-ROTH, Desirée (orgs.) (2005) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 81-106.
- MEYER, M. Between theory, methods and politics: positioning of the approaches of CDA. In: WODAK, Ruth; _____. (orgs). **Methods of Critical Discourse Analysis**. England: Sage, 2001, p. 14-31.
- OLIVEIRA, J. A. The (Non) Place of Politeness in the Twittersphere. In: **Meaning, Context and Cognition 2011**. Lodz:Lodz University, Poland, 2011, p.77-81.
- PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em 26 abril 2010.
- PEREIRA, D. A.. **As mídias sociais como estratégia de comunicação em instituições de ensino**: estudo de caso no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UDESC, 2011. Disponível em <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/9/9c/Daniel_Augustin_Pereira_adm_as_midias_como_estrategia_de_comunicacao_em_instituicoes_de_ensino.pdf>. Acesso em 30 dez. 2011.
- VAN DIJK, Teun A. On Macrostructures, Mental Models, and Other Inventions: A Brief Personal History of the Kintsch—van Dijk Theory. In: WEAVER (org.). **Discourse comprehension**. Hillsdale, NJ: Erlbalm, 1995, p.383-410. Disponível em <<http://www.discourses.org/OldArticles/On%20Macrostructures,%20Mental%20Models%20and%20Other%20Inventions.pdf>>. Acesso em 20 set. 2011.
- _____. Análise Crítica do Discurso. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). **Discurso e poder/ Teun A. van Dijk**. São Paulo: Contexto, 2008a, p.113-132.
- _____. Discurso e dominação: uma introdução. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). **Discurso e poder/ Teun A. van Dijk**. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 9-37.
- _____. Discurso político e cognição política. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (orgs.). **Discurso e poder/ Teun A. van Dijk**. São Paulo: Contexto, 2008c, p. 9-37.
- ZAGO, Gabriela da Silva. **Recirculação jornalística no Twitter**: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da informação. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/28921>>. Acesso em 02 set. 2011.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013